

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Novembro de 1926

N.º 23

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

QUESTÕES GERAES: 1 — O methodo "Montessori." 2 — O character. 3 — O appa-
relhamento "Montessori" e o seu modo de applicação.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geographia. 3 — Linguagem. 4 —
Zoologia. 5 — Historia do Brasil. 6 — Hygiene.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Corram todos! 2 — Pegador com bóla. 3 — Bombar-
deio. 4 — Capitão. 5 — Circulos. 6 — Pegue quem puder! 7 — Cortina.
8 — Entre pés. 9 — Relogio.

PEDOLOGIA: 1 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — Nozes. 2 — O coral. 3 — Fontes thermaes. 4 — Aguas
mineraes. 5 — Canalização.

RESENHA PEDAGOGICA: 1 — O ensino no Mexico. 2 — O ensino "Montessori"
na Italia.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — 15 de Novembro. 2 — A lenda do myosotis. 3 —
O torrão natal. 4 — A boneca. 5 — O jardim da vovó. 6 — O lobo
agonizante. 7 — Verdadeira polidez. 8 — O castigo do cedro. 9 — Amigos
fieis. 10 — Sol espirital. 11 — Cantando a vida. 12 — Ninguem me
engana... 13 — A caridade.

NOS ARBAIAES DO ENSINO: 1 — O ensino de desenho nas escolas normaes.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Saudade.

VULTOS E FACTOS: 1 — Ruy Barbosa.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — A onça e o gato 2 — O macaco e a cotia.
3 — A lenda da victoria-rei 4 — Trovas pampeanas.

NOTICIAS.

SECRETARIA DO INTERIOR.

S. PAULO - Brasil

1926



QUESTÕES GERAES

O METHODO "MONTESSORI"

Tem tomado grande desenvolvimento, nestes ultimos annos, um novo methodo de educação da primeira infancia, cuja fama já chegou até ao Brasil. Trata-se do methodo "Montessori," do nome duma grande educadora italiana, Maria Montessori, formada em medicina pela Universidade de Roma e que a principio se dedicou, como especialista profissional, aos deficientes e anormaes.

Estudante applicada e intelligente de psychiatria, foi essencialmente como medica que ella iniciou as investigações e trabalhos que a levaram, pelo caminho da observação individual, ao terreno da pedagogia propriamente dita.

A Dra. Montessori tomou como guia de seus estudos os importantes trabalhos e experiencias decisivas de dois grandes especialistas, Séguin e Itard, cujos methodos applicou no tratamento dos deficientes e anormaes.

São mais ou menos conhecidos os processos applicados a esses enfermos conhecidos pela designação geral de retardados.

O trabalho de cura se resume na re-educação ou na educação das faculdades perdidas ou embotadas; faz-se por processos de gymnastica mental, ou physica, que vae desentorpecendo a intelligencia e os sentidos até restabelecer-lhes pleno funcionamento ou até ao maximo gráo permissivel pela gravidade da doença. De observação em observação, a pedagogia italiana foi chegando á conclusão de que havia uma certa identidade entre o individuo com o seu desenvolvimento psychico e sensorial retardado anormalmente, isto é, numa idade em que commu-

mente certas faculdades já devem estar desenvolvidas, e a criança, na primeira idade.

No primeiro caso, tratava-se dum retardado anormal; no segundo, dum retardado normal, isto é, com os sentidos e a intelligencia num gráo de desenvolvimento rudimentar proporcional á sua idade.

Da identidade dos casos concluiu ella a identidade dos processos a applicar, chegando por outra via á formula do jardim da infancia de Frøbel, segundo a qual a educação do homem deve começar desde o berço, comtanto que se applicuem processos especiaes adequados á situação dos individuos cuja idade não permite o systema commum da escola primaria do typo corrente.

Parecerá, á primeira vista, que não valeria a pena tantos esforços e estudos para chegar-se a uma conclusão já conhecida e até applicada, durante muitos annos.

Com effeito, o jardim da infancia de Frøbel e o jardim da infancia de Montessori, denominado pela sua creadora de *Casa de Bambini*, não são duas coisas differentes, na sua essencia.

Num e outro põem-se em jogo certos exercicios que se destinam a promover o desenvolvimento dos sentidos e da intelligencia.

No jardim da infancia e na *Casa dei Bambini* as crianças executam os seus exercicios por meio de jógos infantis e brinquedos.

Só um exame comparativo do systema "Frøbel" e do systema "Montessori," nos seus meios de acção, poderá justificar esses esforços e estudos, pondo em destaque as differenças que os distinguem.

Resumindo, os fins do jardim da infancia de Frøbel são: o desenvolvimento dos musculos, do espirito de observação, do senso musical; organização dos jógos e elevação do nivel dos prazeres em geral; promover o amor á natureza, pondo as crianças em contacto com ella; o adestramento da mão, o desenvolvimento da apreciação visual e dos sentidos em geral; pratica do manejo da materia e de suas qualidades; ministrar no-

ções de grandeza e de numero; educação moral com o despertar do sentimento religioso. Além dos canticos, da jardinagem e dos trabalhos manuaes, Fræbel põe em jogo uma série geometrica que começa pela esphera, vae ao cubo decomponivel em varios sentidos, chegando depois ás superficies, linhas e pontos.

E' esse, em synthese, o aparelhamento do jardim da infancia fræbeliano que tem correspondido e ainda corresponde satisfactoriamente ás necessidades educativas da primeira infancia.

Elle representa mesmo uma das grandes creações geniaes da Humanidade, pelo que tem de intuição de verdades que só muito mais tarde, esforços accumulados de experimentadores esforçados conseguiram precisar.

A *Casa dei Bambini* representa precisamente uma refórma fundamental do fræbelismo nos seus meios de acção, inspirada exactamente nas experiencias realizadas posteriormente.

Para que se avalie bem o valor de antecipação genial que ha no fræbelismo, basta lembrar que essa preocupação de influencias, pela formação e pelo desenvolvimento dos sentidos, a educação do individuo, surgiu numa época em que as mais sérias resistencias se oppunham ao conceito duma co-relação entre o sêr psychico e o sêr physico.

Ainda não existia, sob uma forma organizada, a psychologia experimental, na moderna sciencia que filiou tão estreitamente grande numero de phenomenos do mundo moral á physiologia do systema nervoso.

Dahi, certas falhas do fræbelismo, falhas que lhe tiram o character scientificamente systemático. A finalidade de muitos *dons* fræbelianos tem alguma coisa de vago, de indeterminado, a que faltam as precisões que a feição positiva da sciencia modernamente exige em todos os campos da actividade, a investigação humana.

Alguns "motivos," mesmo, dos *dons* fræbelianos resentem-se duma nevoa de metaphysica que, só mais tarde, as observações dos continuadores e interpretadores de Fræbel conseguiram esbater. A evolução da psychologia, até chegar a considerar-se uma sciencia já grandemente experimental, veiu

justificar o fræbelismo, com razões novas que acarretam a necessidade de novos meios de applicação do systema.

Foi esse o trabalho da Dra. Maria Montessori.

Os *dons* fræbelianos modificaram-se, transformaram-se, foram substituidos para corresponderem mais completamente a fins mais precisos. De tal sorte se fez essa transformação, que se chegou a um systema novo pela differença e pelas modificações dos meios e instrumentos empregados, cada qual com uma acção mais limitadamente determinada e com um alcance mais sciêntificamente preciso.

Elles se relacionam mais directamente com os attributos e funcções do sêr physico a desenvolver, que o methodo "Montessori" considera primordialmente um organismo cujos sentidos devem sêr levados á maxima intensidade perceptiva. O methodo "Montessori" não é nem póde pretender sêr uma coisa differente do fræbelismo, nem antagonica ao systema do grande educador allemão. E' um passo culminante de sua evolução. A *Casa dei Bambini* é o jardim da infancia reorganizado sobre bases mais racionaes, mais positivas, mais scientificas.

CORYNTHO DA FONSECA.

* * *

O CHARACTER

Na cultura do character resume-se toda a educação moral dum individuo. E' esse o verdadeiro fim da educação completa, integral. O character faz com que o homem permaneça firme aos seus principios entre as próvas e tentações da vida; habilita-o a agir obedecendo á justiça e á verdade; a calar-se quando o falar seja murmurar; fal-o proceder como *homem* entre os outros homens. O character é um poder, uma força no mundo.

E' dever, pois, de todo o educador empregar o maximo de seus esforços em desenvolver na criança um character firme, forte, completo.

Quando isto fôr conseguido, pôde-se dizer que a educação alcançou a meta desejada.

Só é verdadeiramente educado o homem que aprendeu na infancia a empregar a sua vontade na execução de actos dignos; quando o seu intellecto — esse admiravel machinismo estiver perfeito, isto é, com todas as peças igualmente fortes, cada uma desempenhando sua missão — prompto, emfim, a sêr util, a sêr bem aproveitado.

E' educado o homem que conhece as grandes e fundamentais leis da natureza.

Sêr educado não é sêr asceta; é ter vivacidade, alegria e dominio das paixões pela vontade vigorosa. E' aprender a amar o bello na natureza e na arte; a odiar a vileza, a respeitar aos outros, bem como a si mesmo.

Este deve sêr o ideal de todo educador. Pôde não alcançal-o; mas não procural-o, é injustiça para com os seus discipulos.

* * *

O APPARELHAMENTO "MONTESSORI" E O SEU MODO DE APPLICAÇÃO

Antes de mais nada, é a propria autora do methodo que nos põe em guarda contra o precalço de se considerar apenas a parte material dos seus aparelhos.

A tendencia do professor — diz ella — deve sêr antes para o espirito do que para o mecanismo do methodo.

Em seguida insiste no preceito de se respeitarem as livres manifestações naturaes da criança.

Tudo quanto force a sua attitude, como cadeiras e bancos fixos etc. . . é summariamente condemnado.

Ella recommenda um mobiliario leve e facilmente amovivel pelas proprias crianças, sendo que certos exercicios escolares são executados simplesmente sobre um tapete.

A abolição dos premios e recompensas é a mais formal.

A *Torre* é um dos primeiros exercicios, no qual as crianças aprendem a avaliar as relações de dimensão.

Compõe-se duma collecção de cubos de grandeza decrescente, que ellas arrumam, accumulam gradualmente, do maior para o menor.

Como exercicio chamado da "vida pratica" e que constitue uma innovação, ha oito molduras, tendo cada uma duas bandas de panno que se ligam pelos varios processos usados no vestuario.

São de tal modo arranjados esses quadros que, graças a elles, as crianças adestram os dedos nas operações mais difficeis de executar, para ellas, como abotoar, dar laços, acolchetar etc. . . .

Como continuação do jogo da *Torre*, ha tres prismas grossos, de madeira, com dez buracos circulares cada um. No primeiro, os buracos decrescem em diametro; no segundo, em altura e diametro; e no terceiro, em altura sómente.

Cada um desses prismas traz uma collecção de dez cylindros com um pegador, como os pesos de balanças communs, mas de madeira. O jogo consiste em acertar as crianças com o cylindro correspondente ao buraco onde deve caber exactamente.

As crianças são levadas, como se vê, por esse exercicio, a um esforço de apreciação e comparação de dimensões cujos erros o proprio aparelho põe em evidencia.

Duas collecções de dez prismas cada uma, uma mais larga, outra mais estreita, formam uma variante dos exercicios de avaliação e apreciação comparativa de grandezas. Chamam-se, respectivamente, *a escada larga* e *a escada comprida*.

Esta ultima decresce á razão de um decimetro por prisma ou por degráo e offerece oportunidade a varios exercicios de iniciação arithmetica.

Como primeiro exercicio para a audição, figuram seis caixas, cada uma das quaes com certa quantidade de material differente.

As crianças são adestradas em conhecer o material que cada uma contém, ouvindo o ruido que ellas fazem, sacudidas.

As caixas das côres desenvolvem o sentido da visão.

São duas caixas contendo cada uma sessenta e quatro cartões chatos com oito cores e oito nuances de cada cor.

Os alumnos são convidados a casar cada cor, cada tom duma caixa, com o correspondente da outra.

É um exercício que seria muito util para muita gente grande que attribue a fatalidades morbidas de retina a incapacidade de distinguir entre certas nuances muito proximas.

Ver-se-á que em muitos casos se trata dum caso de simples má educação visual.

Para a differenciação do peso, a Dra. Montessori imaginou tres collecções de taboinhas, pesando, respectivamente, 24, 18 e 12 grammas.

Misturadas essas taboinhas, as crianças terão de classificar-as segundo os pesos, avaliados sobre as mãozinhas.

Duas placas, uma forrada por um quadrado de papel de lixa, ao lado doutro, do mesmo tamanho, de papel liso; a outra, forrada por doze tiras de papel liso e papel de lixa; alternadas, servem para exercitar o tacto.

Esse exercício costuma ser repetido pelas crianças vendadas.

Como um desenvolvimento deste ultimo exercício tactil, figura uma collecção de tecidos de naturezas diversas, como velludo, seda, linho, algodão etc. . . . que as crianças têm de differenciar, primeiro pela visão e pelo tacto, depois pelo tacto só, com os olhos vendados.

Vêm, depois, duas collecções de placas affectando varias fórmulas planas, geralmente geometricas. Numa dellas os sólidos são de madeira, com pegadores e têm, como os cylindros, encaixes onde as crianças se exercitam em ageital-os.

Além disso, percorrem-lhe a periphéria com os dedos, primeiro, vendo-os, depois de olhos vendados, de modo a identificar-lhes os nomes, que então aprendem com as respectivas fórmulas.

Em tres quadros muraes, essas fórmulas são reproduzidas, em cheio, em lineamento grosso e a traço fino.

A outra collecção é de dez placas de metal, affectando outras tantas fórmulas geometricas regulares.

Com ellas começam os primeiros exercicios de desenho.

Applicando cada placa sobre papel branco, executam-se duas especies de exercicios, ora riscando a lapis toda a parte do papel não occupada pela placa, ou riscando simplesmente o perimetro de cada figura.

Passam, então, as crianças á leitura e á escrita e á arithmetica.

O estudo da leitura e escrita é feito simultaneamente.

Ha, para isso, um alphabeto feito de cartões, onde as letras são formadas de lixa, que os alumnos reconhecem pelo tacto, ora a olho descoberto, ora vendados, exercitando-se em formar palavras pelo methodo da phonação.

A professora põe todo o cuidado em fazer com que os alumnos percorram cada letra com os dedos, no sentido da escrita, de modo que insensivelmente educam os movimentos musculares para escreverem.

Para o ensino dos numeros procede-se semelhantemente, e as operações fundamentaes são aprendidas com o uso conjuncto de algarismos de lixa e de páozinhos, como no methodo aconselhado por Laisant, na sua *Iniciação Mathematica*.

Eis o essencial de que se compõe o material didactico do systema "Montessori," já accrescido hoje dalguns elementos novos, dos quaes se destacam como mais dignos de nota os destinados á educação musical.

Consistem numa dupla collecção de treze campainhas, inventadas e introduzidas no systema pela professora Maccheroni, directora da *Casa dei Bambini*, de Milão, e de taboas com cinco sulcos parallellos, representando o pentagramma, e rodellas de páo, representando notas que se fixam nesses sulcos.

As campainhas representam uma escala chromatica.

Primeiro, a professora faz vibrar uma campainha duma das collecções, enquanto que um alumno procura fazer vibrar a campainha doutra collecção, cujo som corresponda exactamente ao da campainha vibrada.

O exercício vae se complicando gradativamente, até que os alumnos sejam capazes de dizer o nome exacto da nota vibrada.

provando assim poder guardar a memoria sonica de cada nota e identifiqual-a pelo ouvido.

Os pentagrammas servem de iniciação á graphia musical.

Outros muitos exercicios interessantes se executam na *Casa dei Bambini*, que merecem referencia.

Assim, os cantos e dansas rythmicas, o passeio sobre a linha de giz, traço caprichoso feito no chão e que os pequenos seguem cuidadosamente.

Uma grande parte do programma é dedicada aos "exercicios da vida pratica." Assim, entre elles, figuram o vestir e o despir, o asseio pessoal, a arrumação da casa e a refeição.

Neste ultimo, o Chiquinho e a sua buliçosa prima, os trechos heróicos d'*O Tico-Tico*, provam que, bem aproveitados, podem deixar de sêr os terriveis quebra-louças de tradição.

Nas creches italianas, onde funciona, o methodo "Montessori" é feito só por interessantes garotos e garotas de tres a cinco annos.

Cora o maximo cuidado, grande geito e muita ordem, servem a mesa e comem com ademanos de gente da mais fina e educada. E, no requinte, só usam louça fina, que as pequenas manzinhas manejam sem desastre.

Os trabalhos manuaes mais correntes resumem-se na modelagem.

Cada pequeno tem a seu cuidado uma planta pela qual vela com carinho e zelo.

Nos exercicios de linguagem, a professora ensina-lhes a compôr, com a mimica adequada ás expressões das phrases que enunciam.

Falta referir, para remate, um curiosissimo exercicio montessoriano e a que chamam *a hora do silencio*.

Por meio de — *pssts!* gradativos, a professora vae levando, pouco a pouco, o seu rebanho ao silencio mais completo.

Depois, cada vez mais baixo, cada vez mais baixo, chama um, chama outro dos petizes, faz estalar um palito, vae discriminando essa porção de ruidos do silencio, si nos permittem a expressão, o que dá á *hora do silencio* uma singular poesia, um

encanto especial, ao mesmo tempo que apura ao maximo a faculdade auditiva.

*

Um homem que, como principal adestramento, tenha conseguido desenvolver até o maximo de acuidade todos os sentidos, pode sêr considerado como um trabalho de educação grandemente desenvolvido.

Um dos principaes elementos de educação tem-n-o elle nessa maior capacidade para receber as impressões do ambiente. Consideremos o valor formidavel desse aparelhamento sensorial e facilmente chegaremos á affirmação dum dos mais decisivos valores do methodo "Montessori" que, sem se descuidar dos outros factores do problema, tão intensamente promove o desenvolvimento funcional dos sentidos, pontes naturaes de communicação do homem com o mundo exterior.

Outra conclusão, que tambem facilmente se tirará do exposto, é que, de Fræbel a Montessori, não ha innovações, no sentido revolucionario do termo, mas evolução, a mesma que vae dum empirismo genial ás conclusões racionaes do espirito scientifico.

*

As qualidades e vantagens do methodo "Montessori" não estão por demonstrar.

Surgido na Italia, em pouco annos invadiu os Estados Unidos, onde se generalizou a ponto de funcionarem lá, além de innumeradas *Casa dei Bambini*, varias escolas normaes para professoras montessorianas.

Dos Estados Unidos irradiou o movimento para a Inglaterra, Hespanha, França e Portugal, não se lhe conservando estranho o proprio Brasil.

CORYNTHO DA FONSECA.

Para as crianças dez bons conselhos
não valem um bom exemplo.



LIÇÕES PRÁTICAS

ARITHMETICA

Toda lição de Arithmetica deveria começar com problemas oraes, calculos mentaes, recordando lições anteriores á medida que a classe fôsse encaminhada para a lição do dia.

Professor. — Venha ao quadro-negro, Alvaro. Tome a regua e trace uma linha que tenha cinco decímetros de comprimento, marcando nella os decímetros.

Alumno. — (Traçando.) Tem certinho os cinco decímetros.

P. — Pedro, venha fazer um quadrado, aproveitando essa linha que o Alvaro traçou.

A. — Os outros tres lados do quadrado tambem hão de ter cinco decímetros.

A. — Ah!... já se sabe, sinão não seria um quadrado!

P. — Marque os decímetros em todas as quatro linhas.

A. — Estão marcados.

P. — Agora, quadricule o quadrado, seguindo as marcas.

A. — Parece uma taboa de jogar xadrez.

A. — Ou para jogo de damas.

P. — Quantos quadrados grandes tinhamos?

A. — Um, com cinco decímetros, em cada um dos lados.

P. — Quantos quadrados pequenos?

A. — Só contando-os.

A. — Eu sei: são vinte e cinco.

P. — Esses vinte e cinco decímetros, que figuras formam?

A. — Formam vinte e cinco quadradinhos.

P. — Então, são vinte e cinco decímetros quadrados.

Façam agora a mesma coisa nos seus papeis, mas, em vez de decímetros, tracem centímetros, porque os papeis são pequenos.

A. — O meu xadrez está prompto.

A. — Cinco centímetros de base e outros cinco de altura; ao todo são vinte e cinco centímetros quadrados.

P. — Virem agora os papeis e tracem nelles uma linha.

A. — De que comprimento?

P. — Do comprimento que quizerem, com tanto que não deixem o vizinho vêr, nem saber. É um segredo. Tracem as linhas marcando os centímetros. (Essa especie de "segredo" agrada immenso. Ver-se-ão os alumnos, muito attentos, para que ninguem saiba de que comprimento é a sua linha.)

— Agora, todos os lapis nas carteiras, papeis virados com o segredo para baixo.

A. — Só eu, o lapis e a carteira, sabemos o comprimento da linha taçada.

P. — Sobre essa linha segredo, todos tracem um quadrado.

Esperem, Mario; com o lapis, não. Eu não disse: "lapis nas carteiras?"

A. — Desculpe-me. Eu estava com tanta pressa! Queria sêr o primeiro!

P. — Cada um de vocês imagine traçar sobre a sua linha um quadrado; imagine sómente esse quadrado.

A. — Um quadrado imaginario?

P. — Sim: um quadrado imaginario. Attenção! A' medida que tiverem traçado o quadrado imaginario, e contado o numero de centimetros quadrados que elle contém, vão dando signal com as mãos.

A. — Prompto!

P. — Ninguem levante as mãos, sem ter feito a conta, sem saber bem certo quantos centimetros quadrados tem o quadrado imaginario sobre a linha de segredo.

(Quando todas, ou a maioria das mãos, estiverem levantadas, o professor continuará.)

— Renato, quantos centimetros quadrados fez você sobre a sua linha?

A. — O meu quadrado *imaginario* tem 49 centímetros quadrados.

P. — Vejamos quem poderá adivinhar agora quantos centímetros de comprimento tem a linha sobre a qual Renato fez seu quadrado?

A. — Eu sei!

A. — Eu sei!

P. — Diga você, Paulo.

A. — A linha do Renato mede 7 centímetros.

P. — Muito bem! Vire o seu papel, Renato. Vamos verificar.

A. — Está certo; confere.

P. — Francisco, o seu quadrado quantos centímetros tem?

A. — O meu tem 100 centímetros quadrados.

P. — Que comprimento terá a linha?

A. — A linha sobre a qual Francisco imaginou o quadrado tem 10 centímetros.

P. — (Virando o papel.) Exacto.

P. — No quadro-negro fizemos um quadrado sobre cinco centímetros. Vou escrever isso. (Escreve.) 5^2 quadrado, ou o quadrado de 5 = 25.

Venha você, Carlos, escrever o quadrado da sua linha.

A. — (Escrevendo.) O quadrado de 8 = 64.

(Farios alumnos escreverão por extenso os seus quadrados.)

P. — Vocês todos já ouviram falar em tachygraphia? Não ouviram?

A. — Eu já ouvi, mas não sei o que é.

P. — É a arte de escrever quasi tão rapidamente como se fala.

A. — É como fazemos quando escrevemos algarismos.

A. — Si fossemos escrever os numeros por extenso, com letras, levariamos muito tempo.

P. — Pois vamos usar uma especie de tachygraphia. Em vez de escrever por extenso o quadrado de cinco, escreveremos:

$$5^2 = 25.$$

$$8^2 = 64.$$

A. — Aquelle *doisinho* é que indica o quadrado, não é?

P. — Sim, e elle vae sempre em cima e á direita do outro numero.

Venha, Augusto, escrever o quadrado de 12.

A. — (Escrevendo.) $12^2 = 144.$

P. — Qual é o numero que, quadrado, dá 9?

A. — Tres.

P. — Que numero é que, sendo quadrado, dá 16?

A. — É 4. Esse era o numero que marcava o comprimento da minha linha.

P. — Vejam como se leva tempo para perguntar: Qual é o numero que quadrado dá oitenta e um?

A. — Leva mesmo!

P. — Não seria bom si pudessemos aqui tambem usar da nossa tachygraphia?

A. — Seria, sim!

P. — (Escreve.) $\sqrt{81} = 9.$ Assim é que se escreve abreviadamente.

A. — (Lendo.) O numero que, quadrado, dá 81, é 9.

P. — Tambem se diz: a raiz quadrada de 81 é 9.

A. — Posso escrever?

P. — Sim, com tanto que você saiba a resposta.

A. — (Escreve.) $\sqrt{4} = 2.$

P. — Leia o que você escreveu.

A. — O numero que, quadrado, dá 2, é 4.

P. — De que outro modo póde lêr?

A. — A raiz quadrada de 4 é 2.

(Muitos exemplos serão escritos e lidos.)



PEDOLOGIA

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

IMITAÇÃO E IMAGINAÇÃO

(Continuação)

Mas, a vida da criança decorrendo principalmente entre folguedos, é ahí que ella applicará a faculdade imitativa de de que é tão bem dotada. Esses folguedos constam, em grande parte, de actos, gestos e scenas que ella observa e retem.

Dahi a reproducção de scenas da vida quotidiana, ás quaes a criança se entregará, brincando, como ella o diz, *de visitas, de cozinha, e sobretudo, de boneca* etc., etc.

Vejamos o que vem a sêr para a criança (menino ou menina) essa boneca que tanto occupa sua attenção. A principio, não passa dum simples objecto ao qual ella dá importancia apenas pelo seu aspecto agradável, pelo seu colorido, ou porque póde leval-o á boca, mordel-o etc., como costumam fazer com o que está ao alcance de suas mãos. No dia, porém, em que a imitação entra em jogo, isto é, quando ella começa, não sómente a vêr, mas a apreciar, a comprehender o que vê, e, por conseguinte, a querer reproduzir. — então a boneca afigura-se-lhe tal como esse sêr pequenino, esse objecto de preoccupações maternas em todas as occasiões e circumstancias da



Grupo de escoteiros graduados, em S. José do Rio Pardo
S. Paulo — Brasil



Acampamento de escoteiros, em S. José do Rio Pardo
S. Paulo — Brasil

vida. Sua boneca assume uma importancia tão consideravel como a da sua propria pequena senhora em relação a seus paes. A criança veste-a, despe-a, acalenta-a, fal-a deitar-se etc., etc, persuadida de sêr o superior de alguém, e esse alguém é sua boneca. Eis a razão da solicitude por esse objecto — solicitude que para alguns parece a revelação do instincto maternal, mas que, em realidade, não passa duma imitação.

Imitação é ainda o *brinquedo de soldado*, da predilecção do menino. Aqui, a imitação se manifesta provocada pelo aspecto exterior e brilhante da profissão militar, qualidade tão suggestiva para o sêr humano, que até no adulto desempenha um grande papel no seu gosto pelo exercito e polas suas pompas. E, assim como vemos meninos brincar com bonecas, como o fazem suas irmãs, do mesmo modo veremos estas imitar com prazer os militares, como si fossem seus congeneres masculinos. A proposito, citaremos o caso duma menina que teve uma crise de desespero, ao comprehender que não poderia sêr official de marinha, como ardentemente desejava. Vêm-se frequentemente meninas partilhar dos jógos militares de seus irmãos, demonstrando o mesmo ardor que elles.

Entretanto, uma outra faculdade psychica se liga á imitação nos jógos infantis; é a imaginação.

A criança goza dum poder extraordinario de imaginação, que lhe permite, como veremos, viver uma vida como isolada e particular num meio artificial que ella mesma creou e aceitou como o unico real, o unico para ella existente. Entre as suas imitações, a criança imagina, e todos os actos imitados apresentam-se-lhe numa tela sobre a qual a sua imaginação borda ornamentos multiplos e maravilhas que vão compôr o meio artificial onde ella se move com a mais perfeita naturalidade.

Da intervenção da imaginação em todos os actos da vida da criança, temos próva em seus jógos aos quaes é preciso sempre recorrer, quando queremos ter uma idéa justa da mentalidade infantil, pois que elles traduzem com clareza a sua vida intellectiva. Vejamos os brinquedos da criança. A qual delles, entre tantos companheiros de todos os dias, ella dá preferencia?

Aos mais bellos, aos mais brilhantes, aos mais complicados?
Não. Quasi sempre ao mais grosseiro, ao mais primitivo. E
isto porque sua imaginação lhe mostra nesse brinquedo a per-
sonagem que ella ahí vê, e por isso elle será realmente o mais
bello, pois é sua criação que o reveste em sua imaginação de
todas as qualidades que faltam aos nossos olhos e que se apre-
sentam aos seus em gráo superior.



A obscuridade é o reino do erro.